

## **A ESCRITA DO AMOR NA ADOLESCÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DE UM SEMBLANTE NO ENCONTRO COM O INDIZÍVEL**

*Nádia Laguárdia de Lima*

A adolescência é um tempo lógico no qual o sujeito é convocado a realizar um trabalho psíquico, em decorrência do despertar pulsional da puberdade. O encontro com o real do sexo faz desfacelar a imagem corporal do sujeito, apontando sua inconsistência, e os recursos simbólicos construídos desde a infância se mostram insuficientes para dar uma significação a essa experiência. O adolescente pode então recorrer à escrita, buscando a construção de um sentido, o que explica a abundância de escritos de adolescentes em diários íntimos, agendas e, mais recentemente, nas páginas da internet. Nesse texto, faço uma reflexão sobre a escrita do amor na adolescência a partir da leitura de um blog de adolescente e de algumas referências de Freud e Lacan sobre a puberdade, o amor e a escrita.

Os adolescentes escrevem sobre si em seus blogs, construindo um romance familiar. Na adolescência, quando as identificações simbólicas e imaginárias se desfazem, os jovens buscam dar sentido ao real através da construção de fantasias. Para Freud(1908/1974), as fantasias, assim como os sonhos, são realizações de desejo e são construídas ainda muito cedo. Elas são herdeiras do Complexo de Édipo e se estabelecem a partir da castração do Outro. Freud (1908/1974) descreve o romance familiar como uma fantasia muito frequente nos neuróticos, que se constitui em dois tempos, na infância e na adolescência. Essa construção fantasmática envolve uma separação dos agentes parentais, ou, no dizer de Freud, o desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais, ao mesmo tempo em que visa encobrir essa separação.

A escrita de si feita pelos adolescentes em seus textos íntimos (ou públicos) é a escrita de uma história particular, feita de restos, de fantasias, que se organizam para a construção de um novo sentido. Ao escreverem seus romances familiares, os adolescentes buscam, através

da vertente significativa, a construção do significado, ligado à ficção. A irrupção de um gozo que escapa à ordem significativa e a urgência em assumir uma definição sexual, levam o adolescente a reconstruir um envoltório fálico para dar uma nova forma ao real da sexualidade. O blog, como uma escrita de si, pode se constituir, portanto, como um “semblante” para sustentar o real. Ilustrarei fragmentos do percurso de um adolescente na escrita de um blog, mostrando como, diante do encontro com o real do sexo, a escrita parece ter operado no amor como suplência. Assim, através de recortes de textos do blog podemos ver o que a escrita do amor “fez” a um sujeito adolescente.

Vítor (nome fictício) escreve o seu blog durante três anos e cinco meses, dos 13 aos 16 anos. No início, sua escrita é muito pessoal, seu texto é autobiográfico, como um diário. Durante os primeiros meses de 2005, Vítor, indica e comenta filmes e músicas, descreve suas atividades preferidas, escreve sobre a escola, sobre o seu time de futebol e indica alguns blogs de sua preferência. Ele busca leitores e comentadores para os seus textos, é uma escrita de si dirigida aos leitores. Em junho de 2005, Vítor escreve sobre “a importância da escrita” para ele:

**Quarta-feira, 29 de Junho de 2005**

*Minha vocação é com papel e caneta*

*Escrever está virando uma necessidade para mim. Quero dizer, continuo escrevendo apenas inspirado; nunca escrevo algo sem inspiração, a menos que valha algo. E volto ao que disse no início: estou me sentindo forçado a escrever e, como não poderia deixar de ser, vejo tudo escrito nesse período com os olhos mais críticos que existem.*

*Talvez seja porque esse é um talento que devo desenvolver; afinal, é o que de melhor faço, tenho de fazer direito.*

*Ultimamente, só tenho cabeça para pensar numa certa japonesinha e na resposta que dela espero (para ser positiva espero até o fim do mundo!). Ela está doente (mas melhorando) e o medo da perda assola meu coração. Espero que nenhum de vocês passe pelo que passo agora...*

*Penso ser só isso... Precisava dizer, num sabem? Bem... Estou de férias! Viva! Vamos falar aí... Quem quiser orkut deixa nos comentários... G-Mail também, tenho 50 convites...*

*Agora os agradecimentos... Mônica (ainda não sei se pode chamar de Momô^^), obrigado por ouvir esse mala aqui, viu... É bom dizer tudo pra alguém! Aliás, tenho de agradecer à Bianca (uma nova amiga, mas muito paciente), à Giu (menina, te adoro muuuuito! Você é dez!), ao Guilherme e ao Fernando por me agüentar falando só sobre ela o tempo todo! Obrigado!*

Assim, Vítor afirma que se sente forçado a escrever. Ele já escreve o blog há cinco meses. Sua escrita é inspirada pelo amor. Ele começa a incluir em seus textos os comentários dos leitores e começa a publicar também em um *site* literário. Ele escreve sobre o seu desejo de “ser um escritor”. “Escritor” é um significante que causa o seu discurso, orientando a série na busca de um sentido para a sua vida. Em abril de 2006, Vítor faz uma “retrospectiva de sua vida”, construindo o seu romance familiar:

#### **Segunda-feira, 10 de Abril de 2006**

*I would say I'm sorry if I thought that it'll change your mind...*

*O engraçado é que eu nunca tinha pensado em escrever. Nunca me achei uma pessoa de letras, por assim dizer.*

*Todos diziam que eu era. Sim, eu era uma traça-de-livros, e daí?*

*Mas mesmo sendo um leitor, eu não sabia que só servia pra isso. Eu **era** bom em Matemática.*

*Aí, é claro, veio a minha sexta série. Sim, a sexta. 2003. Amigos. Diversão. Amor.*

*Parece estranho, eu sei. Eu tinha 11 anos, o que podia saber de amor? Pois é. Até que eu soube.*

*Eu simplesmente não me interessei por mais nada depois disso. Tudo pareceu sem sentido, e eu, inexperiente completo nos terrenos da paixão, só encontrei uma forma de me expressar: versos.*

*Foi quando eu comecei a escrever. Bem, é claro que eu era péssimo. Não só pra escrever bonito, mas para expressar sentimentos. Esse tipo de coisa não se ensina na escola, e não é bem considerado coisa de garoto.*

*Portanto, ninguém se preocupou em me ajudar.*

*Sim, eu era péssimo, já disse. Mas é interessante. Após dois anos escrevendo, eu aprendi alguma coisa.*

*Aprendi que não podia escrever apenas sobre meu amor. Os textos não eram apenas cartas, eu fiz deles um diário informal. Meus medos estavam lá. Minha raiva. Fiz dos textos minha válvula de escape das minhas emoções indomáveis.*

Ele localiza o interesse pela escrita no despertar da puberdade, com o surgimento da primeira paixão. Segundo Vítor, a escrita foi a única forma que ele encontrou de expressar o seu amor. Ao falar das emoções indomáveis, Vítor revela a função da escrita para ele, que podemos interpretar como “tentar domar o gozo indomável que o invade”. Lacan (1985 [1972-73]), em *Mais, ainda*, define a escrita como o que vem a se tramar como efeito da erosão da linguagem. Vítor, nesse tempo lógico do confronto com a “erosão da linguagem”, tece, pela via da escrita, um trabalho de “suplência” a essa fissura. Segundo Lacan, “o que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor” (1985 [1972-73]: 62). Diante do encontro com o real do sexo, a escrita parece operar no amor como suplência.

O encontro com o indizível neste tempo do despertar leva o jovem a buscar em um grupo uma “identificação imaginária”. O “eu” recobre-se numa imagem para velar a falha simbólica. Em um texto de seu blog, Vítor se nomeia um “emo”, que ele descreve como uma pessoa com capacidade de expressar suas emoções “irrefreáveis”, uma pessoa sem limites no que diz respeito a sentimentos e que precisa muito de amigos e de amor. O amor é o tema preferido dos seus escritos, Vítor é um adolescente “apaixonado”, que sofre por não ser correspondido. Como sublinha Lacan (1985[1972-73]:p.94), o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência da relação sexual, uma maneira de sair com elegância desse impasse.

Ele parece desenvolver suas paixões no campo das fantasias, sempre como impossibilidades, destinadas ao fracasso, o que é próprio do tempo da puberdade. Os escritos de Vítor são autobiográficos. Ele descreve os acontecimentos de sua vida, suas atividades, pensamentos, preferências, seus amores, suas decepções amorosas, construindo o seu romance familiar.

Mas, de repente o seu texto sofre uma alteração na forma da narrativa. Essa mudança aparece nas quebras na previsibilidade de sequências, no surgimento de elementos dissonantes

à estrutura da narrativa, na mudança temática, na intensa angústia, nas letras em maiúsculo que expressam gritos, ou seja, cortes que apontam no desenrolar do texto para a falência da linguagem e que são indicadores da presença do vazio do significante, do real.

Ele fica um mês sem escrever. Quando retoma, sua escrita é inteiramente tomada pela angústia. Mas ele insiste em escrever. Busca o amor como “semblante” diante do encontro com o lugar da estrutura que aponta para o indizível. Lacan (1985/[1972-73]) comenta, que não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado, tanto perverso, no que o Outro se reduz ao objeto *a*, quanto louco, enigmático. Ele ressalta que é do defrontamento com essa impossibilidade de onde se define um real, que o amor é posto à prova: “Do parceiro, o amor só pode realizar o que chamei, por uma espécie de poesia, para me fazer entender, a coragem, em vista desse destino fatal” (1985[1972-73] p.197). Lacan define a relação sexual como aquilo que *não para de não se escrever*. Há uma impossibilidade de se escrever a relação sexual. Mas Lacan define a contingência como *para de não se escrever*. Diante da impossibilidade, não há outra coisa senão “o encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual” (LACAN, 1985/[1972-73]: 198). Nesses encontros, por um instante, tem-se a ilusão de que a relação sexual *para de não se escrever*.

Em novembro de 2006, escreve um texto sobre uma mudança que observa em si mesmo. Comenta que está feliz, mas, diferente das outras vezes, diz que parece estar “mais frio”. Parece que a sua escrita possibilitou certa contenção do gozo. Ele escreve o blog como meio de “descarga de temores e culpas”. Levantamos a hipótese de que, a partir da quebra evidenciada no texto do Vítor, que denuncia o encontro com o real, ele se apoia no amor como suplência para se reerguer. Acompanhamos uma mudança gradativa nos textos. Muitos deles passam a ser escritos na terceira pessoa. Os textos passam a ser menos pessoais e mais

literários. Como comenta Barthes (2004), a função do “ele” romanesco pode ser a de exprimir uma experiência existencial. O homem-autor conquista pouco a pouco o direito à terceira pessoa, “à medida que a existência se torna destino, e o solilóquio, Romance” (2004, p.33). Segundo o autor, o aparecimento do “ele” é o termo de um esforço que pôde extrair de um mundo pessoal uma forma pura, significativa, mas também desvanecida, graças ao caráter tênue da terceira pessoa. A invasão da terceira pessoa é uma conquista progressiva que se conduz contra a sombra do “eu”. Assim, o romance, “identificado por seus signos mais formais, é um ato de sociabilidade; ele institui a Literatura” (p.33). Barthes destaca, portanto, que o romance é uma morte, pois “ele faz da vida um destino, da lembrança um ato útil, e da duração um tempo dirigido e significativo” (p.35). A morte do “eu” faz nascer o “ele”, desta forma o romance é ao mesmo tempo destrutivo e criador. Podemos dizer que os textos de Vitor estão localizados entre o “eu” e o “ele”, num percurso que pode levá-lo à criação de uma obra e de um estilo. Nos próximos textos, Vitor não deixa espaço para comentários. Ele está angustiado e escreve para si mesmo. Escreve sobre “um outro” que não podia se soltar na vida e então se soltou no tempo e no espaço, um outro “melhor que eu”, que partiu, “foi para a estrada sozinho”. Vitor fala da perda, de sua divisão subjetiva.

A impossibilidade de uma relação simétrica com o outro faz com que todo encontro seja um desencontro, que remete o sujeito ao desamparo fundamental e à não-completude, inerente a todos os sujeitos. Vitor faz uma declaração de amor à amada, sabendo da impossibilidade desse amor. O reconhecimento da impossibilidade não mais o destrói. Essa perda não o paralisa, mas o impulsiona a escrever. A saída para o sujeito é a construção de alguma coisa que pacifique esse mal-estar provocado pelo des-encontro. Vitor encontra na escrita essa saída.

A descoberta da inexistência da relação entre os sexos evidencia uma perda da ilusão. Se a escrita implica perda, ela também é o que salva o escritor da morte. A escrita parece

operar uma saída a Vítor, permitindo-lhe alojar seu gozo e sustentar seu desejo. Diante do sem-sentido do gozo, ele parece ter construído algum saber sobre si. Um saber que faz laço social. “Um homem se faz O homem por situar-se a partir do Um-entre-outros, por encontrar-se entre seus semelhantes” (LACAN, 2003, p. 558). Diante do encontro com o real do sexo, Vítor encontra duas saídas: o amor e a escrita. A ilusão do amor é a primeira solução encontrada por ele, logo na irrupção da puberdade, aos 11 anos de idade, que veio recobrir o vazio instaurado pela ausência da relação sexual. Vítor busca o amor, assim como busca o saber. Demonstra um grande interesse pela leitura. Lacan (1985 [1972-73]) mostra a existência de uma importante relação entre o saber e o amor: “...o saber, que estrutura por uma coabitação específica o ser que fala, tem a maior relação com o amor. Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes” (p.197). Na escolha do amor, há um reconhecimento feito através de signos sempre pontuados enigmaticamente, da maneira pela qual o ser é afetado enquanto sujeito do saber inconsciente. Esse reconhecimento é a maneira pela qual a relação sexual *para de não se escrever*, a contingência, diante da impossibilidade. O amor é essa ilusão de que a relação sexual *para de não se escrever*. Assim, se a necessidade, tal qual é articulada por Lacan, é o *não para de se escrever*, no deslocamento da contingência à necessidade, há um ponto de suspensão a que se agarra todo o amor. O amor leva Vítor ao *não para de se escrever*, não para, não parará, como ressalta Lacan, tal é o substituto que – “pela via da existência, não da relação sexual, mas do inconsciente, que dela difere – constitui o destino e também o drama do amor” (p.199). O amor é um semblante, e como tal é inconsistente. A cada decepção amorosa, Vítor se agarra na letra, movido pelo desejo de ser escritor. Na tessitura da letra Vítor escreve o amor, como um semblante, que o sustenta em sua travessia. É pela “escrita do amor” que Vítor entra em contato com as pessoas, pois ele “tem o que contar” sobre suas experiências amorosas.

Vítor abandona o seu blog pessoal em maio de 2008. Em sua última postagem neste blog, em 28 de maio, ele convoca parceiros para uma interlocução “intelectual”. Ele continua a escrever em blogs construídos em parceria, com fins literários, e a publicar suas ideias no *site*: “Usina das palavras”. Mas ele não precisa mais de um blog pessoal, pois parece ter chegado ao outro lado do túnel. Assim, interrogo: essa escrita do “romance” no blog seria uma modalidade de resposta sintomática desse sujeito, que, sustentada pelo Nome-do-Pai, permitiu enlaçar o amor, fazendo laço social?

## **BIBLIOGRAFIA**

BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREUD, S. Romances familiares. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, J. **O seminário, Livro 20, Mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. Lituraterra. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

## **SOBRE A AUTORA:**

**Nádia Laguárdia de Lima**. Psicóloga, Psicanalista. Doutora em Educação pela UFMG, Mestre em Educação pela UFMG, Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFMG.